

# Um conflito encostado no Brasil

Uma guerra está sendo travada nas proximidades do Brasil. Na Colômbia, a apenas 3,8 mil quilômetros de Brasília, em linha reta, e a uns 4,5 mil quilômetros de Porto Alegre (distância de Bogotá), guerrilheiros de esquerda, paramilitares de direita, exército, polícia e narcotraficantes se enfrentam em um conflito que já deixou milhares de mortos. Seqüestros, atentados e massacres se sucedem. Só as duas principais guerrilhas esquerdistas, as Forças



Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc) e o Exército de Libertação Nacional (ELN), contam, somadas, com 20 mil homens em armas. Dos lados dos paramilitares, são mais 8 mil homens. País que tem uma fronteira de 1.644 quilômetros com o Brasil, toda no Estado do Amazonas, a Colômbia parece não ver uma saída para a guerra civil. A seguir, e até a página 8, histórias do drama que sacode uma nação:



**Reduto da guerrilha:** no povoado agrícola de Santa Lucia, nas montanhas dos Andes, o governo da Colômbia não existe, o exército não ousa entrar e o poder é exercido pelos guerrilheiros das Farc

DAVID COIMBRA (TEXTOS)  
JOSÉ DOVAL (FOTOS)



Santa Lucia é chamada de “O Santuário da Guerrilha”. Neste povoado agrícola, empoleirado no cimo de uma das montanhas negro-verdejantes dos Andes, a 4 mil metros de altitude, o governo da Colômbia não existe.

Em Santa Lucia, a polícia nacional não circula, o exército não ousa entrar, não há sequer um intendente que represente o município. Em Santa Lucia, o poder é exercido pelas Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc). Pelo comandante Gerardo.

Aí está um típico guerrilheiro de esquerda. Envergando com galhardia o seu uniforme de guerra, bem armado de pistola e metralhadora, o comandante Gerardo surge por uma das ruas empoeiradas de Santa Lucia ao volante de uma caminhonete nova, com um jovem guerrilheiro no lado do carona e mais sete na carroceria, quase todos adolescentes, entre eles uma garota.

O primeiro contato é hostil. O comandante não aceita a presença de estrangeiros no reduto da guerrilha. Acusa, furioso:

– Vocês são espíões da DEA (refere-se à Agência Antidrogas dos EUA).

– Aqui nunca vieram jornalistas! Vocês são espíões! – prossegue, rascante.

Depois de alguma argumentação, o comandante aceita falar. Com severas restrições militares. Um dos homens mais procurados pela polícia e pelo exército da Colômbia, o coman-

dante Gerardo se recusa a revelar o nome verdadeiro (quase todos os guerrilheiros usam pseudônimo) e mesmo a idade.

## A história de Gerardo é semelhante à da maioria dos atores da guerra

Mas, aos poucos, no embalo da conversa, vai relatando detalhes da sua vida pessoal. Conta uma história semelhante à da maioria dos atores da guerra colombiana. Gerardo e sua família trabalhavam com extração de madeira e criavam gado no Departamento de Antioquia. Como todos os trabalhadores rurais do país, desde criança ele tem intimidade com a guerrilha. Gerardo profere uma frase que é repetida praticamente com a mesma formulação por outros agricultores-guerrilheiros:

– Desde menino sou das Farc.

Porém, foi só mais tarde que lhe infiltraram o ódio no coração – no dia em que os paramilitares invadiram sua casa e, diante de seus olhos, mataram seu pai, sua mãe, três irmãos, dois sobrinhos e um tio. Gerardo conseguiu fugir e, desde então, se tornou um guerrilheiro feroz. Quando fala dos paramilitares ou do governo, o faz com os dentes rilhados e os olhos em chamas:

– Governo, exército, polícia e paramilitares são a mesma coisa!

De fato, o exército e as Autodefesas Unidas da Colômbia (AUC, os paramilitares) são apelidados de “Los Primos”. A maioria dos “paras” são ex-integrantes da polícia nacional e do exérci-

to, e, recentemente, Rafael Hanny Jimeno, coronel do exército, foi preso sob a acusação de formação de grupos paramilitares.

– Os paramilitares são financiados pelo narcotráfico e pelos EUA – continua.

– Eles existem para matar, para torturar, para inspirar temor ao povo – acrescenta.

Com a voz esganiçada de emoção, Gerardo relata seus enfrentamentos com os paramilitares e algumas das atrocidades cometidas por eles na sua área, sempre tendo como vítimas trabalhadores rurais acusados de colaboração com as Farc: pai e filha assassinados em La Muralla, oito agricultores massacrados em Barragán, uma mulher de Santa Lucia que, depois de seviciada, teve seus braços e pernas amputados à serra elétrica e jogados no mato.

– E nenhum desses tinha nada a ver com as Farc – inflama-se o comandante.

– Estão fazendo na Colômbia o mesmo que fizeram no Vietnã, em El Salvador, na Nica-

rágua, em Cuba – prossegue.

## Comandante mostra que é bem articulado e faz citações

Nesse ponto, o discurso ingressa no campo teórico. Já desembarcado da caminhonete, mais relaxado, sentado num monturo de terra e grama, o chefe guerrilheiro se arma de uma retórica comunista impecável:

– Somos marxistas-leninistas. Fazemos oposição ao governo, ao clero, à miséria e à exploração do homem pelo homem.

O comandante Gerardo mostra que é bem articulado, que tem conteúdo. Faz citações:

– Bolívar disse: não permitam que as armas se voltem contra o povo. É justamente o que está acontecendo na Colômbia.

Tira conclusões:

– Não há outra forma de o nosso povo sobreviver, senão acabar com a direita. Ou acabamos com a direita, ou ela nos assassina.

E confessa ter um ídolo: o cubano-argentino Ernesto “Che” Guevara. Não precisava nem falar. Gerardo decorou o peito da farda verde com um button de Guevara e, nas costas, no colete, desenhou a inscrição: “Che”.

– Ele é um modelo para mim.

O comandante se torna amigável. Até amável. Posa para fotos. Pede que lhe seja enviada a reportagem. Sorri. Um homem cordial. Nenhuma surpresa, pois, se como guerrilheiro convicto que é, o comandante Gerardo sabe ser agressivo, tem ciência também que, às vezes, ele há de ser duro, mas, sem perder a ternura jamais.

“Ou acabamos com a direita, ou ela nos assassina”

Comandante Gerardo

